A TRANSFERÊNCIA DE TRABALHO E A ESCOLA

Sonia Alberti

No começo da psicanálise está a transferência (...) Me espanta o fato de que jamais ninguém me tenha objetado (...) que a transferência Se opõe, por si só, à intersubjetividade.(..) Ela até a refuta, (a intersubjetividade) é um obstáculo (à transferência)". (Lacan, Proposição).

Inicio meu texto para o Fórum de Belo Horizonte com essas palavras de Lacan para levantar duas questões: como entender a transferência na Escola e, afinal de contas, o que é essa intersubjetividade que faz obstáculo à transferência? Pois, se a Escola é de psicanálise e se no começo da psicanálise está a transferência, então também no começo da Escola está a transferência. Nunca é repetitivo lembrar do que se trata nessa transferência: *"o sujeito suposto saber é, para nós, o pivô a partir da qual se articula tudo o que diz respeito à transferência* (idem). Esse saber é textual no qual se inscreve um vazio que garante que sempre HÁ MAIS ALGO A SABER (*ce dont il s'agit, c'est de ce qu'il a a savoir*). É também o que dá o enquadramento ao desejo do analista que se distingue definitivamente daquele que não quer saber (estou absolutamente referida aqui ao texto de 67). A Escola, como endereçamento, impõe que o analista possa também aí encontrar a possibilidade de ter o que saber. Mas o que há para saber dever, necessariamente, singularizar-se no que interessa a cada um dos membros, ao mesmo tempo que lhe dê a condição de discuti-lo, debatê-lo com os outros e a partir deles. A Escola, pois, é do um por um, MAS por meio do não-todo (que é uma outra forma de dizer esse

saber textual com um vazio). O não-todo, por sua vez, implica a percepção da impossível completude imaginária que poderia levar uma instituição a se constituir como grupo. A Escola não é um grupo, não tem uma gestalt esférica, não se constitui como um todo. Fundamentalmente porque a transferência a inicia – aquela que nos faz querer saber mais alguma coisa dos textos, dos relatos clínicos de nossos casos e dos colegas, dos depoimentos dos passes e das análises, do campo das conexões. Daí também esse conceito de transferência de trabalho no Campo que Lacan nomeou de freudiano e nós renovamos, lacaniano. *"(...) Campo – no qual cada um abrirá caminho para demonstrar o que faz do saber que a experiência deposita"* (D'Ecolage).

Não há garantia disso que se possa fazer fora do Campo, pré-condição ao vazio. Donde, na Escola, para ser de Lacan, a partir da Proposição, a transferência de trabalho centraliza, tal nó borromeano, o vazio. Isso implica a doutrina a ser construída. Na *Proposição*, Lacan sugere que ela seja produto do júri do passe, mas isso é porque Lacan construiu o passe nesse lugar central onde localizo a própria transferência na Escola – Outro que faltou quando da dissolução. Sem pressa para refazer a Escola (Lacan, 15 de janeiro de 1980), encontramos-nos nesse momento em que a sua falta obriga-nos a precisar essas observações para retomarmos a direção que queremos, na Escola que queremos. Pois poderíamos correr o risco de nos perdermos a partir de sua falta, perder a direção, a função da doutrina e da própria transferência de trabalho como lugar da centralização. É onde gostaria de retomar a questão da intersubjetividade que Lacan, em 67, diz fazer obstáculo à transferência. Na intersubjetividade não é a singularidade de cada membro que conta, pois a intersubjetividade é na verdade imaginária, fazendo obstáculo à percepção acima referida, a da impossível completude. A intersubjetividade engana por querer fazer acreditar que um sujeito supõe um outro sujeito e que, portanto, várias línguas podem ser intercambiadas numa mesma *pólis*. Já no texto dos antecedentes *Agressividade em psicanálise,* Lacan procurava fazer ver o que produz essa identificação imaginária que, em *Psicologia das massas* Freud soube referir à obnubilação do Todo. Uma Escola tal como Lacan a propõe, não comporta o ecletismo, nem tampouco o engano da intersubjetividade. Isso pode parecer paradoxal à medida que a intersubjetividade faz crer numa maior democracia em que um sujeito tem, *a priori*, tanto valor como outro sujeito. Um analista kleiniano e um analista lacaniano têm, certamente, uma relação à causa freudiana, eles podem certamente aprender um com o outro sobre o que disse J. Lacan e o que disse M. Klein, respectivamente. Os encontros, jornadas, espaços

universitários, congressos, poderiam ser – e às vezes já o são – espaços para esse relacionamento. Mas a Escola de Lacan, que justamente, não é de conhecimento, muito menos lugar de aprendizagem, é, como dito, lugar de endereçamento de um trabalho em psicanálise que se faz a partir da transferência. Na intersubjetividade, ao crer num outro sujeito, a relação necessariamente se sustenta numa demanda de reconhecimento: nesse caso, a associação com outros analistas milita por esse reconhecimento o que pode se distanciar tanto da verdade de cada um a ponto de o sujeito já nem mesmo se importar com o compromisso que tinha com ela. Também a transferência inscreve-se nos três registros: real, simbólico e imaginário. Reduzi-la a sua vertente imaginária, a da intersubjetividade, é não observar que, conforme o velho esquema L, todo imaginário se sustenta no simbólico – e portanto, no real, já que quando se afirma o simbólico, afirma-se o que lhe ex-siste. A própria intersubjetividade imprescinde do simbólico como, aliás, se verifica nessa demanda de reconhecimento. Mas, Freud já o estabelecera em 1912, o simbólico que sustenta o reconhecimento está ligado ao significante – traço do pai que confirma uma pertinência: *Bejahung*, afirmação do sujeito no traço que o singulariza a partir de sua referência a este significante. A intersubjetividade engana por fazer crer que se pode reconhecer um sujeito sem sustentar esse reconhecimento na referência significante, mas sim na identificação projetiva. A Escola, não. A marca do Campo Lacaniano é o traço significante que poderá, *a priori,* funcionar como unificador para além de todo imaginário permitindo que, a partir dele, haja espaço para o desdobramento de tantas singularidades quantas diferenças numa transferência de trabalho em que cada um possa vir a saber sempre mais alguma coisa. É claro que o analista kleiniano (acima suposto) não poderá, a partir desse significante, fazer uma transferência. Isso não o desmerece, ao contrário! Se o significante é imposto é porque quanto ao significante da marca, não há escolha, mesmo se o sujeito pode escolher – vejam-se as indicações freudianas sobre a escolha da doença - furtar-se a essa inscrição. Por outro lado, jamais um significante funciona como esse traço, essa marca, para todos, quando o significante, por sua própria existência, é ato que inaugura uma diferença (a noção da diferença, por si só, já é debitária da função significante). Não se pode pois apostar na multidão. Ao contrário, a Escola que quero é uma Escola que permita a cada um desenvolver o seu trabalho a partir da particular relação que cada um possa ter com a causa freudiana. E, em se tratando da relação com a causa analítica não há lugar para a multidão.

Então, o que se escolhe é a maneira de fazer uso desse significante e, em se tratando de uma Escola, o que se escolhe é a maneira de fazer

uso desse significante e, em se tratando de uma Escola, o que se escolhe é a maneira de como se utilizar de sua marca para nela deixar inscrita a contribuição de cada sujeito. Essa só pode ocorrer a partir da transferência de trabalho, aquela que supõe à Escola, o não-todo.